

## A APROPRIAÇÃO DA NARRATIVA JORNALÍSTICA PELAS FAKE NEWS NA PANDEMIA DA COVID-19

The appropriation of journalistic narrative by fake news

La apropiación de la narrativa periodística por las *fake news*

Josué Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo faz uma discussão teórica sobre a narrativa jornalística e como ela tem sido apoderada pelas *fake news*. Utilizamos o conceito de narrativa baseado em alguns autores como Barthes e Motta, e discorremos sobre como essa estrutura é emprestada da literatura para o jornalismo e, agora, para a desinformação. Busca-se debater como as *fake news* estão ligadas diretamente à constituição do indivíduo devendo, portanto, ser tratada como uma prática cultural que toma forma e cresce a cada momento. Por fim, reforça a necessidade de munir o jornalismo de ferramentas diárias para enfrentar essa prática maléfica, principalmente durante a pandemia da Covid-19, em que o jornalismo se mostra essencial para evitar, inclusive, mortes devido à desinformação.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Fake news*. Jornalismo. Narrativa. Pandemia.

### ABSTRACT

This article addresses a theoretical discussion about journalistic narrative and how it has been taken over by fake news. The concept of narrative is used based on some authors such as Barthes and Motta, and it discusses how this structure is taken from literature to journalism and, now, to disinformation. The aim is to debate how fake news is directly linked to the constitution of the individual and should, therefore, be treated as a cultural practice that takes shape and grows at every moment. Finally, it reinforces the need to provide journalism with daily tools to face that harmful practice, especially during the Covid-19 pandemic, in which journalism is essential to avoid even deaths due to misinformation.

**KEYWORDS:** Fake news. Journalism. Narrative. Pandemic.

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Possui graduação em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (2017). Tem experiência na área de Comunicação, com foco no webjornalismo. Atualmente é editor do jornal Roraima em Tempo. E-mail: [josueferreiragomes1@gmail.com](mailto:josueferreiragomes1@gmail.com).



## RESUMEN

Este estudio busca hacer una discusión acerca de la narrativa periodística y cómo ella ha sido utilizada para la propagación de *fake news*. Abordamos el concepto de narrativa en algunos autores como Barthes y Motta. Además, hablamos sobre cómo la estructura de la literatura es utilizada por el periodismo y, ahora, pasó a la desinformación. El objetivo es discutir cómo las *fake news* surgen a partir de la identidad de cada persona y gana la forma de práctica cultural. Finalmente, reforzamos la necesidad de que el periodismo utilice las herramientas disponibles para combatir esa práctica terrible que ha asolado el mundo, principalmente en la pandemia Covid-19, cuando el periodismo se muestra vital para evitar muertes por causa de la desinformación.

**PALABRAS CLAVE:** *Fake news*; Periodismo; Narrativa; Pandemia.

## Introdução

O jornalismo, diariamente, tem tido encontros desagradáveis com as chamadas *fake news*. O termo se propagou nas eleições de 2016, nos Estados Unidos, quando o então candidato Donald Trump acusou o jornalista de uma emissora de praticar *fake news*. O termo se popularizou e, ao mesmo tempo, passou a permear o universo jornalístico como a sombra de algo terrivelmente falso e inexistente.

Para Gruzd, Recuero (2019), *fake news* é sinônimo de desinformação, e o propósito de enganar é o fator chave para o trabalho de espalhar a desinformação. Ou seja, descarta-se a hipótese de serem chamadas de “notícias falsas”, pois entendemos, assim como os autores, que as notícias já carregam o condão da verdade e só são notícias porque passaram pelo crivo da apuração.

As *fake news*, assim, “(...) não se tratam apenas de informação pela metade ou mal apurada, mas também de informação falsa intencionalmente divulgada, para atingir interesses de

indivíduos ou grupos” (GRUZD; RECUERO, 2019, p. 32). Dessa forma, as *fake news* não surgem sem propósito. Elas são criadas de livre e espontânea vontade por aqueles que, de alguma forma, são beneficiados por elas.

Contudo, o alerta é ainda mais preocupante quando falamos de *fake news* em tempos de pandemia da Covid-19. A desinformação se entranhou ao vírus e se espalhou na mesma velocidade que a doença, um “fenômeno que tomou proporções tão grandes que passou a ser descrito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma ‘infodemia’<sup>2</sup>” (RECUERO; SOARES, 2020, p. 02).

Em meio à avassaladora crise sanitária, o jornalismo evidencia seu protagonismo da veracidade da informação e luta, constantemente, contra esse mau. Gomes (2009, p. 12)

---

<sup>2</sup> Infodemia tem tornando resposta às emergências de saúde ainda mais difícil, afirma OPAS em aula inaugural de pós-graduação de comunicação em saúde. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6249:infodemia-tem-tornando-resposta-as-emergencias-de-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas-em-aula-inaugural-de-pos-graduacao-de-comunicacao-em-saude&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6249:infodemia-tem-tornando-resposta-as-emergencias-de-saude-ainda-mais-dificil-afirma-opas-em-aula-inaugural-de-pos-graduacao-de-comunicacao-em-saude&Itemid=875). Acesso em: 25 de abr de 2020.

sustenta, por exemplo, que o jornalismo está no pedestal da verdade, devido aos mecanismos bem codificados de verificação e certificação, “(...) é um sistema que atua no ramo da verdade”. Nota-se, portanto, que, na pandemia, o faro jornalístico é testado ao máximo no combate à desinformação.

Mas é preciso observar a falsificação de informações por outro viés, e confrontar, sobretudo, a tentativa de legitimação que os propagadores de *fake news* desenvolvem, em todo momento. Ou seja, como a desinformação tem se apropriado da narrativa jornalística para ludibriar o público e desacreditar o trabalho da imprensa? Mais do que isso: entender as *fake news* não apenas como informações falsas, mas, sim, como uma prática cultural que estende seus tentáculos por diversos ambientes, em sua grande maioria virtual, com o intuito de causar a desordem e o caos.

A pandemia criou cenários perfeitos para disseminar conteúdos mentirosos, que prejudicaram na explicação sobre o que é a doença até a

vacinação contra o vírus. A mentira de quem homem viraria mulher, e mulher viraria homem, levou a uma enorme rejeição pelos imunizantes entre os indígenas<sup>3</sup>. Esse exemplo superficial já demonstra a gravidade da desinformação, que se agarra em aspectos verdadeiros – a pandemia existe – para provocar um verdadeiro derrame de informações falsas, mas com impacto aterrorizante.

## 1 O surgimento da pandemia

Para tentar discutir os efeitos causados no jornalismo é preciso voltar no tempo. Aliás, esse retorno na cronologia do tempo também é possível graças à imprensa. Em tese, somos parte de História e ajudamos na construção dela própria, por meio de testemunhos, fotos, vídeos e textos. As matérias são uma espécie de museu social. “O jornalismo é uma parte central da

---

<sup>3</sup> Informação publicada pelo Roraima em Tempo, baseada no relatório da CPI da Pandemia, do Senado Federal, que pediu o indiciamento do presidente Jair Bolsonaro por crime contra a humanidade. Disponível em: <https://roraimaemtempo.com.br/saude/kit-covid-desvio-de-vacinas-e-garimpo-a-saude-indigena-de-rr-na-cpi-da-pandemia/>. Acesso em: 29 de outubro de 2020.

memória coletiva [...] Não há no período moderno, memória coletiva ou cultura que não seja em parte, pelo menos, jornalística” (BARBOSA; GERK, 2018, p. 165).

Os primeiros relatos de casos da Covid-19 ocorreram em dezembro de 2019, em Wuhan, na China. O primeiro artigo científico publicado sobre a doença detalhou o caso de um paciente de 41 anos, naquele mês. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), pesquisadores chineses identificaram que houve mutação do vírus presente nos morcegos, possibilitando que os humanos fossem infectados. Contudo, a origem do contágio ainda é incerta e desperta a curiosidade dos cientistas.

Depois da China, os casos se espalharam pelos países de todos os continentes, criando novas variantes, cada vez mais difíceis de combater, e castigando as nações com números alarmantes de casos e mortes por dia. Dois países que sofreram, inicialmente, com a doença foram os Estados Unidos e a Itália. Isso levou a uma corrida científica

para estudar o sequenciamento genético do vírus e quaisquer outros tipos de informação que ajudassem a combatê-lo. A imprensa, acoplada a esse processo, acompanhou todos os detalhes para “fornecer esclarecimentos, dados e orientações” à população (FERREIRA; VARÃO, 2020, p. 373).

O primeiro caso de coronavírus no Brasil foi confirmado em fevereiro de 2020, dois meses depois dos primeiros relatos no país asiático. À época, já havia uma concentração da cobertura jornalística sobre a China, com intuito de transmitir os rumos da doença. Ao mesmo tempo, tal cobertura, em que mostrava uma fragilidade no preparo do Brasil frente ao surto. São Paulo foi a primeira cidade a ter um paciente infectado pelo coronavírus no país – um homem que havia viajado à Itália. A partir de então, dias sombrios e devastadores sobreviriam sobre o Brasil.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a Covid-19 como uma doença infecciosa causada pelo coronavírus (SARS-Cov-2). O termo

Covid-19 vem do inglês: *Coronavirus Disease 19* – em tradução livre significaria coronavírus doença e o ano em que o vírus foi descoberto. A OMS ainda informa que os principais sintomas da enfermidade são: febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes desenvolvem ainda congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos e dos pés.

A OMS só confirmou que a doença representava uma pandemia no dia 11 de março de 2020 e divulgou: "(...) a mudança na classificação não se deve à gravidade da doença e sim à disseminação geográfica rápida que o Covid-19 tem". Naquela mesma ocasião, o Brasil mantinha monitoramento de áreas atingidas e iniciava protocolos baseadas no que a ciência instruía – dando início também a uma instabilidade no governo de Jair Bolsonaro, que se mostrava contrário a essas medidas.

Exatos dez dias depois da declaração da OMS, foram confirmados

os dois primeiros casos em Roraima, o último entre os 26 estados e o Distrito Federal. A nova fase do enfrentamento levou à tomada de decisões severas por parte dos governos como: barreiras sanitárias entre os estados e nos aeroportos; decretos de fechamento do comércio; suspensão de aulas; e trabalho *home office*. E, claro, os jornalistas, assim como outras áreas, na linha de frente, transmitindo em tempo real também foram afetados.

Segundo Navarro (2020, p. 02),

O Jornalismo teve e continua tendo grande importância na tarefa de informação e comunicação acerca da pandemia do Coronavírus (...) O povo, assustado e desinformado, ante este novo tipo de gripe ainda sem vacina específica para controlar e imunizar seu organismo, e sobretudo sem ter o conhecimento do que era a doença e o que ela poderia causar ao seu corpo teve uma ajuda indispensável e eficaz do jornalismo e dos jornalistas.

O que é a doença? O que ela causa? Quais as sequelas? Quais os sintomas? Quantos casos? Como se tratar? Inúmeros questionamentos afloraram com a pandemia, levando os jornalistas a efervescerem as redações para ajudar a respondê-las. Por deter um

status de fé pública de o que produz é verdade, conforme Gomes (2009), os profissionais saem em busca de elucidar os fatos e transformá-los em notícias. Assim, o jornalismo, mais do que nunca, deve ser considerado serviço essencial, pois utiliza ferramentas da profissão para não deixar a população às cegas em um momento de desespero, angústia, medo e incertezas.

Navarro (2020) acrescenta que, na pandemia, os jornalistas tiveram que se virar para manter o povo informado. Márcia Amaral, em entrevista a Dairan Paul e Denise Becker, avalia que, até para os jornalistas mais experientes, “narrar uma pandemia não é tarefa fácil ou livre de dilemas”<sup>4</sup>. Primeiro porque as condições para exercer a profissão sofrem interferência de diversos tipos. Segundo que, como destaca a autora, ninguém se torna especialista em explicar uma doença da noite para o dia.

<sup>4</sup> Entrevista publicada no objETHOS, em abril de 2020. Disponível no endereço eletrônico: <https://objethos.wordpress.com/2020/04/08/marcia-amaral-regras-absolutas-nao-servem-na-cobertura-de-acontecimentos-extremos/>. Acesso em: 30 de outubro de 2021.

Apurar, escrever, viver, enfrentar os riscos, abdicar da família, e tantas outras interferências, atingem o psicológico desses comunicadores. Sendo assim, a rotina de produção dos meios de comunicação se volta para uma cobertura essencial e desafiadora. As reportagens jornalísticas acompanham o ritmo da situação e são levadas ao público no mesmo ritmo em que ocorrem as descobertas dos cientistas. Mais ainda quando as notícias enfrentam o fenômeno das *fake news*.

É dessa forma que os meios de comunicação cumprem seu papel social. Pois, conforme Ferreira (2020, p. 32)

[...] é sabido que os media informativos são uma lente fundamental através da qual as pessoas veem a sociedade e o mundo. Graças ao seu alcance e à sua onnipresença, os indivíduos têm hoje mais oportunidade de encontrar notícias e informações que em qualquer momento anterior na História. Além dos meios de comunicação tradicionais, como a televisão, os jornais e a rádio, a circulação de notícias pela Internet e nas redes sociais oferece às pessoas a possibilidade de serem expostas a informações, mesmo que não as procurem propositalmente.

Contudo, essa premissa do compromisso com a verdade leva o jornalismo a intensificar uma guerra

durante a pandemia com a desinformação. O que se observa na pandemia, em uma clara sequência do que ocorre nos últimos anos, é a tentativa de envolver no manto da verdade aquilo cujo núcleo é a enganação. Ou seja, textos com teor mentiroso, produzidos com o intuito de enganar e prejudicar uma parcela social em meio à discussão sobre o vírus. São as *fake news* se apropriando da narrativa jornalística, em um embate direto com o jornalismo.

Conforme Meneses (2018, p. 40), *fake news* são informações falsas nas quais existe uma “ação deliberada para enganar os consumidores”. Não é um fenômeno recente, como alertam os diversos autores, mas se tornou um grave problema na era digital. Tem como característica a força esmagadora de intensificar conteúdos nos meios de comunicação. Ainda mais por ganhar uma roupagem transmidiática, pela qual o conteúdo migra de um espaço para outro: do WhatsApp para o Facebook; e daí para o Instagram, por exemplo.

À sombra da desinformação, o terreno da pandemia, mais do que nunca, precisou ser regado pela veracidade. “No contexto pandêmico, a presença de veículos de imprensa, bem como a comunicação pública, voltou a ocupar papel de destaque na prestação de informações”, (BARGAS; JAVORSKI, 2020, p. 02). O jornalismo, portanto, buscou assumir o protagonismo da verdade social e do serviço “linha de frente” da pandemia.

Xavier (2008) também lembra que falar de saúde na mídia é escancarar as desigualdades sociais no que diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, principalmente no campo da internet – já que muitos não têm acesso ao aparato técnico e tem, muitas vezes, apenas a televisão ou o rádio como canal de informação. E esses gargalos foram enfrentados pelos jornalistas, na tentativa de superá-los ou, talvez, amenizar as consequências que eles provocam. Pois, como lembram Lener e Sacramento (2014, p. 38):

[...] os fatores de risco e os de promoção da saúde, que, por sua vez, se desdobram



em variáveis de segurança/insegurança envolvendo questões epidemiológicas, doenças, formas de tratamento, modos de viver, procedimento de assistências, cura ou métodos comportamentais voltados para uma vida saudável. Partido desse conjunto de questões, a mídia jornalística pauta e ordena suas narrativas em torno do que julga ser o imaginário contemporâneo da saúde destacando os fatores de risco e as variáveis que interpreta como problemas e ameaças que impedem ou dificultam a saúde individual e coletiva.

Nessa perspectiva, ressalta-se que fazer jornalismo em tempo pandêmico é disputar cara a cara com os propagadores da desinformação. É observar esses caminhos das *fake news* para saber quando e como combater. É calçar as sandálias da apuração e intensificar o processo de checagem de fatos. A pandemia exige, portanto, o dobro de atenção, conhecimento e dedicação dos jornalistas, pois "(...) as consequências geradas pela proliferação de *fake news* podem ser nefastas" (FERREIRA; VARÃO, 2020, p. 387).

## 2 Narrativa jornalística

Martín-Barbero (1997), no clássico *Dos meios às mediações: comunicação,*

*cultura e hegemonia*, faz um aparato histórico para situar como os folhetins do século XIX utilizavam linguagem literária para criar narrativas que levavam os fatos até os leitores. As novelas, por exemplo, eram sensacionais. Consumidas da elite aos bairros periféricos. Esses resquícios da literatura no jornalismo perambulam até hoje. Um exemplo é a narrativa humanizada, que busca "entender a sensibilidade presente na vida cotidiana sem fugir da proposta e do estilo jornalismo" (SILVA, 2010, p. 410).

Devido a essa construção histórica entorno do jornalismo há uma tendência em misturar a linguagem jornalística com a literária, criando, assim, narrativas para reportar os fatos do cotidiano. Dalmonte (2009, p. 215) escreve que essa relação pode ser observada de vários ângulos, desde a simples contação de histórias até a seleção de personagens, artifícios comumente usados pelo jornalismo, emprestados da literatura. "A principal contribuição da literatura aos estudos do jornalismo, sem dúvida, é a própria tradição dos estudos literária, tanto longa

quanto detalhada e em constante renovação”.

É possível, assim, afirmar, que aspectos literários são vitais para o próprio jornalismo. Os mais velhos nomes da Comunicação carregaram essa característica de permanecerem com o discurso literário aplicado à notícia. Com a evolução da própria narrativa, os modos de representá-las também evoluíram. Mas que mudanças são essas que implicam na mutação da narrativa? As *fake news* podem ser apontadas como um dos motivos para se aperfeiçoar a constituição da narrativa. Discutiremos adiante.

Para ajudar nessa compreensão da narrativa jornalística, usaremos o conceito abordado por alguns autores. Barthes (2011), em *Análise estrutural da narrativa*, afirma que a narrativa sempre acompanhou a evolução da humanidade. Assim que surgiu o ser humano, a narrativa já estava presente por palavras, gestos, símbolos, imagens, ou qualquer outra tentativa de narração. O autor destaca que é preciso entender que a

narrativa não é o discurso, mas sim resultado do encontro de discursos.

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma povo algum sem narrativa, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas; a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, trans-cultural; a narrativa está aí, como a vida. (BARTHES, 2011, p. 19)

Logo, narrar é uma condição humana antiga. Ela faz parte da própria identidade dos seres humanos, como escreve Nestor García Clancini (1997, p. 139). Ao olharmos pelo viés jornalístico, percebemos, assim, que a narrativa não é criada pelo jornalismo, mas apossada por ele como forma de levar a informação a alguém. Albuquerque (2000, p. 71) diz que “as notícias se apresentam como registros objetivos da realidade e, nesse sentido, se valem de recursos narrativos” para possibilitar uma informação mais clara.

Dalmonte (2009) afirma que o ato de narrar deve ser considerado movimento do narrador, “(...) resultante

de seu empenho, que, portanto, se reflete na enunciação” (DALMONTE, 2009, p. 03). O autor acrescenta que a narrativa parte de uma escolha intencional, cercada pelo efeito de sentir. É o que classifica como materialização das intencionalidades e as investidas de sentido.

Com o discurso jornalístico, da mesma forma, ao longo de sua consolidação, observa-se que vários elementos buscam assegurar coerência à narrativa, centrada na divulgação dos fatos vistos como relevantes para o cotidiano. A valorização dos acontecimentos e sua relação estão situados entre os elementos que aferem o sentido da veracidade aos fatos reportados pela mídia. Para tanto, é necessário ter clareza quanto ao que se concebe como notícia (DALMONTE, 2009, p. 04).

A narrativa, portanto, não se constrói em apenas um espaço. Ela permeia diferentes contextos antes e depois de ser publicada. Quando Dalmonete (2009) escreve sobre sentidos que levam à enunciação, entende-se que a atividade jornalística diária está carregada de sentidos próprios do profissional, e precisa ser entendido no processo de construção da notícia.

Barthes (2011, p. 48) ressalta que a narrativa é composta sempre pelo que

denomina de “doador e um beneficiário”, “e que não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (ou leitor)”. A título de uma linguagem mais jornalística, não tem como haver narrativa jornalística se não existir um emissor e um receptor para tal mensagem. Eles são essenciais para o desenvolvimento da própria narrativa. Até mesmo o ruído neste processo é crucial para a própria constituição da narrativa.

O autor diz ainda que a narrativa não é apenas passar de uma palavra para outra. Ela está inserida em uma constituição macro, que precisa de elementos cruciais para ser estabelecida. Barthes (2011, p. 30) escreve que existem, nesse processo narratológico, três níveis de descrição: as funções, as ações e a própria narrativa. Em resumo, ele escreve que a função é uma unidade de conteúdo: “é ‘o que quer dizer’ um enunciado que o constitui em unidade funcional”. Ousamos dizer que seria o título de uma matéria. A chamada para uma reportagem. É a enunciação do que se quer transmitir.

Já as ações são formadas pelos próprios personagens inseridos na narrativa. Ou seja, não são apenas pequenos atos que eles desenvolvem nesse trajeto de constituição, mas as “grandes articulações da práxis (desejar, comunicar, lutar)” (BARTHES, 2011, p. 46). Em outras palavras, é todo o contexto desenvolvido pelos personagens. É o macro cenário onde se passa o fato enunciado na função. É o desenrolar dos personagens, em uma camada mais profunda da narrativa. A partir desse movimento, segundo o autor, são identificados os problemas no entorno dos próprios personagens.

Ora, se estamos falando de uma estrutura em que há um preparo para se levar uma informação de um lado para o outro, é possível afirmar que há um nítido uso indevido por parte da desinformação da estrutura da narrativa jornalística. Afinal, se há uma narrativa propagadora de uma falsificação, há um efeito de sentido no próprio discurso carregado por ela (PÊCHEUX, 1969, p. 81). Isto é, um

esquema narrativo com emissor e receptor.

Como já demonstrado, uma *fake news* não é criada por acaso, mas sim com propósito de enganar, confundir, defender um interesse obscuro alheio à verdade. Se existe a constituição da narrativa jornalística passa pela enunciação, ou seja, pelas interferências pessoais do indivíduo que dá vida a ela, esse processo é semelhante na desinformação.

O indivíduo, de livre e espontânea vontade, movido pelos próprios interesses ou de terceiros, cria informações totalmente mentirosas para distribuí-las a um público específico ou não.

A similaridade foge da bolha da narrativa e se estende, por exemplo, para espaços também análogos aos portais de notícias. Silva (2019, p. 4) diz que a desinformação tem se refugiado em “páginas com designações semelhantes a jornais de referência, dificultando à maioria da população a identificação e distinção”.

É que com o passar do tempo, tornou-se perceptível o fortalecimento das plataformas digitais, que sites utilizam da estrutura narrativa do jornalismo para propagar conteúdo, “fazendo com que muitas pessoas sejam enganadas e percam a possibilidade de compreender e aplicar as medidas preventivas baseadas na ciência. Alguns recorrem a remédios sem comprovação científica ou negam a existência da doença” (BARGAS; JOVORSKI, 2020, p. 6).

Para se ter uma ideia, a disseminação foi tão preocupante em tempos de *fake news* que os veículos de comunicação criaram estratégias para combater a mentira, com diárias checagens de conteúdos divulgados e compartilhados nas redes sociais.

O Portal G1, por exemplo, verificou mais de 500 “notícias” e trouxe uma série de reportagens sobre as vítimas da Covid-19 que morreram por causa da desinformação<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> Reportagem completa disponível no endereço eletrônico:  
<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/saude/coronavirus/noticia/2021/10/18/vitimas-do-negacionismo-as-mortes-causadas-pela->

A narrativa jornalística é tomada de assalto pela desinformação, que utiliza das ferramentas desse processo, mas o deturpa e o falsifica. Não se olvida, como citado anteriormente, que as *fake news* se atrelam a um contexto verídico. A linguagem usada, dentro da estrutura da narrativa jornalística, como *lead*, *sublead*, parágrafos seguintes, com falas, imagens, são táticas dos propagadores para criar uma cortina de fumaça de verdade, com objetivo de tonar um conteúdo falso em verdadeiro.

Há, portanto, uma apropriação das técnicas jornalísticas para confundir o público, entrelaçada às evoluções tecnológicas, que levam a milhões de pessoas uma mensagem falsa, com o único objetivo de espalhar o caos, o medo, o terror. Dessa forma, o jornalismo, mais do nunca, precisou se revestir na pandemia de uma armadura além da simples verdade, e usou todo o aparato que lhe é atribuído, como a fé pública nos conteúdos, para espantar o fantasma

---

[desinformacao-na-pandemia-da-covid-19.ghtml](#).  
Acesso em: 1 de novembro de 2021.

da desinformação. Uma medida urgente e necessária.

### 3 Desinformação como ferramenta política

Não se pode deixar à margem do esquecimento que a *fake news* também foram criadas na pandemia por interesses políticos. Essa sede em contrapor as notícias perpassa por vieses ideológicos presentes no cotidiano dos sujeitos que as recebem. Sendo assim, a *fake news* possuem potencial disseminação devido ao “contexto cultural e político propício que vivenciamos em grande parte do mundo, marcado por radicalizações políticas e por uma espécie de guerra ideológica que divide a sociedade em grupos antagônicos e rivais” (ALVES e MACIEL, 2020, p. 150-151).

Recuero et al (2021) complementa afirmando que essas narrativas adotadas na informação falsa têm cunho político para defender uma ideologia política. Essas narrativas estão presentes no que a autora descreve como “veículos apócrifos e hiperpartidários”, cujo objetivo é

produzir e circular desinformação. Essas mídias digitais “possuem a aparência de veículos informativos, mas produzem conteúdo que favorece uma ideologia específica, frequentemente com estratégias como sensacionalismo, anonimato, e clickbaits para potencializar a circulação do que publicam” (RECUERO et al, 2021, p. 27).

Os autores escrevem, por exemplo, que grupos politizados nas redes sociais contribuem para esse fenômeno.

[...] a pandemia é percebida na mídia social como um assunto político-partidário, mais do que como um assunto de saúde pública. Com isso, a discussão sobre os modos de tratamento, as ações e mesmo elementos de mitigação é absolutamente polarizada e confundida com uma questão de filiação política pela população (RECUERO et al, 2021, p. 13).

Gomes, Dourado (2019) lembram que a desinformação é fortemente vinculada à questão política. Eles citam que os políticos utilizam essa ferramenta como forma de demonstrar insatisfação com a imprensa, muitas vezes ligadas a um grupo opositor. A Rede Globo, por exemplo, não esconde o descontentamento com o presidente

Bolsonaro. E essa relação se tenciona a ponto de o mandatário acusar a emissora de praticar *fake news*. Por outro lado, os autores reafirmam que o jornalismo é o lugar onde habitam os processos de narração factual da realidade.

Portanto, sustentam Gomes e Dourado (2019, p. 36)

[...] o combate às *fake news* é uma tarefa desoladora, uma vez que toca o cerne de uma disputa que é, ao mesmo tempo, epistemológica e política. E depende de uma circunstância social em que o movimento mundial da direita ultraconservadora avança fortemente, conquista posições centrais de poder público e estende sua base social.

Se a prática jornalística em meio à pandemia pode ser interpretada como cultura, haja vista a construção de sentido por trás de cada matéria, por que a desinformação não pode ser considerada uma prática cultura, que se apropria da narrativa jornalística? Com isso, pode-se introduzir, brevemente, que movidos pela própria identidade, constituída em distintos espaços, tempo e fatores, os sujeitos se tencionam no recebimento das informações e, com isso, esses grupos

inconformados propagam a desinformação.

Neste ponto é possível indicar que as *fake news* também estão inseridas no processo de constituição da notícia, já que, parte do jornalismo é dedicada a enfrentar esse fenômeno. Dessa forma, uma hipótese que pode ser levantada é que a desinformação provoca, durante a pandemia, o jornalismo a produzir conteúdos que contrariem as informações falsas.

Stuart Hall defende que as mudanças sociais afetaram a construção da identidade dos indivíduos, que, agora, vivem a instabilidade do próprio eu. Ou seja, o sujeito tem um núcleo "interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem", (HALL, 2006, p. 11).

[...] a recepção da notícia é um lugar cognitivo em que os homens aprendem algo de si mesmos e de sua realidade, mas é também um lugar de consumação das experiências estéticas, de gozo e de comoção simbólica [...] A recepção das notícias diárias nos remete primordialmente para o mundo fático, mas não impede a vivência mais ou

menos fugaz de um distanciamento imaginário que paradoxalmente esvaece o mundo fático, liberando o sujeito do seu mundo da vida. (MOTTA, 2005, p. 34)

Sendo assim, não se pode descartar que a mutação da identidade, intensificada pela pandemia da Covid-19, pode ter contribuído para a desinformação. Essa hipótese está inteiramente ligada às narrativas produzidas no decorrer dos meses de pandemia, e como elas foram recebidas, ou seja, desemboca no processo de recepção. Portanto, a narrativa está emprestada à desinformação, por meio de um processo cultural e identitário, que desperta no jornalismo a obrigação de combatê-la.

Afinal, receber a notícia e não concordar é esperado do ponto de vista da recepção. O que não pode ocorrer é transformar a diferença de discursos em falsificação de conteúdo, contribuindo para que a ramificação perigosa da *fake news* flua na porta de trás do processo comunicacional. Com isso, é necessário discutir, em outro momento, a ressignificação do espaço jornalístico em

meio à narrativa desinformativa. Tem-se, portanto, que a narração pode ocorrer até mesmo com a *fake news*.

### Considerações finais

Este artigo buscou discutir como a narrativa jornalística tem sido usada pela desinformação, na tentativa de aprimorar o trabalho de falsificação de informações para compartilhamento de conteúdos mentirosos. O que se observa, no decorrer dos últimos anos e, principalmente na pandemia, é uma enxurrada de informações falsas, que busca interferir na atuação da imprensa, com objetivo de desacreditar a profissão extremamente necessária na crise sanitária.

Dessa forma, o que se defende é que a narrativa jornalística tem sido tomada de assalto, em um movimento sorrateiro dos propagadores de *fake news*, que, insistentemente, usam ferramentas semelhantes para disseminar o medo e pavor no meio social. Essa prática cultural, criminosa e incentivada por políticos, sem dúvida, matou milhares



de pessoas e impediu que outras tantas não recebessem a vacina. A propagação da desinformação se deu na mesma velocidade de contaminação do vírus.

Contudo, o jornalismo, mais do que nunca, mostrou sua capacidade de combater a desinformação e criar mecanismos para difundir a verdade e a informação correta. A imprensa, mesmo sofrendo ataques e apropriações indevidas, desenvolve um papel de protagonismo, de linha de frente da pandemia, e se agarra à fé pública não permitir consequências ainda mais graves das *fake news*.

## Referências

- ALBUQUERQUE, Afonso de. A narrativa jornalística para além dos *faits-divers*. *Lumina*, Facom/UFJF, v.3, nº 2, p. 69-91, julho a dezembro 2020.
- ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das *fake news*: definição, combate e contexto. *internet&sociedade*, vol. 1, nº 1, janeiro de 2020, p. 144-171.
- BARTHES, Roland [et al]. **Análise da estrutura da narrativa**. 7ª ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.
- CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1996.
- DALMONTE, Edson Fernando. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- DOURADO, Tatiana; GOMES, Wilson. O que são, afinal, *fake news*, enquanto fenômeno de comunicação política? **Compólitica**8, Brasília – FAC, UNB, maio de 2019.
- FERREIRA, Fernanda Vasques; VARÃO, Rafiza. **Jornalismo como Instância de Confiabilidade de Informações durante a Pandemia da Covid-19**. In: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves; GADINI, Sérgio (orgs.). *Jornalismo em tempos da pandemia do novo coronavírus*, p. 372 – 398, 2020.
- FERREIRA, G. B.. Quando as notícias importam. Fontes, confiança e desinformação em tempos de Covid-19. In F. R. Cádima & I. Ferreira (Coords.), **Perspectivas multidisciplinares da Comunicação em contexto de Pandemia**, v. I, pp. 30- 49. Coleção ICNOVA.
- GERK, Cristine; BARBOSA, Marialva. *Jornalismo, Memória e Testemunho: Uma análise do tempo presente*. **Contracampo**, Niterói, v. 37, n. 01, pp. 150-167, abr. 2018/ jul. 2018.
- GOMES, W. S.. **Jornalismo, fatos e interesses: Ensaio de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.
- GRUZD, Anatoliy; RECUERO, Raquel. Cascatas de *Fake News* Políticas: um estudo de caso no Twitter. **Galáxia**, São Paulo, nº 41, maio-agosto de 2019, p. 31-47.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JAVORSKI, Elaine; BARGAS, Janine. A informação sobre a Covi-19 nos desertos de notícias: a relevância do jornalismo interior do Pará. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, dezembro 2020.

LENER, Kátia; SACRAMENTO, Igor. **Saúde e jornalismo: interfaces contemporâneas**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2014.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MENESES, J. P.. Sobre a necessidade de conceptualizar o fenómeno das fake news. **Observatorio (OBS\*) Special Issue**, p. 37-53. Disponível em <http://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1376>. Acessado em: 30 de outubro de 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração da narrativa da história do presente. In: Dossiê Histórias e Teorias do Jornalismo. **Contracampo**12, 1º sem. 2005. Universidade Federal Fluminense.

NAVARRO, Aidil Soares. **Reflexões sobre o efeito da pandemia do coronavírus no jornalismo, na democracia e no comportamento das pessoas na sociedade contemporânea**. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/download/21982/17547>. Acesso em: 21 set. 2021.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). [1969]. Tradução de Eni

Orlandi. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora Unicamp, 2010, p. 59-158.

Recuero, Raquel; Soares, Felipe; Vinhas, O.; Volcan, T.; Zago, G.; Stumpf, E. M.; Viegas, P.; Hüttner, L. G.; Bonoto, C.; Silva, G.; Passos, I.; Salgueiro, I.; Sodré, G.. **Desinformação, Mídia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate**. Relatório de Pesquisa. 2020.

\_\_\_\_\_; SOARES, Felipe. O Discurso Desinformativo sobre a Cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. **E-Compós**, 2020.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da Silva. A vida cotidiana no relato humanizado do perfil jornalístico. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 7, nº 2, julho/dezembro de 2010.

SILVA, Andreia Fernandes. Porque é que as *fake news* se transformaram em protagonistas do jornalismo contemporâneo? **Comunicação Pública [Online]**, vol. 14, nº 26. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cp/4139>. Acessado em: 2 de novembro de 2021.

XAVIER, Chico. Mídia e saúde, saúde na mídia. In: **Caderno mídia e saúde pública**. Adriana Santos (org). Belo Horizonte: Escola de Saúde Pública/FUNED, 2006.